

SIMPÓSIO DO CLERO 2022

Na abertura deste Simpósio do Clero quero saudar todos os participantes vindos das várias dioceses de Portugal.

Saúdo o senhor Núncio Apostólico, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e bispo desta diocese de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, e todos os bispos, presbíteros, diáconos e seminaristas presentes. A todos quero agradecer a disponibilidade e o interesse em participar neste encontro que tem um cariz especial, verdadeiramente sacerdotal e fraterno.

Em nome da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios agradeço a todos os que aceitaram o convite para partilharem connosco a sua experiência e o seu saber. Uma palavra de gratidão é também devida ao Santuário de Fátima e a todas as pessoas e instituições que colaboram neste simpósio. De modo especial, estou grato aos vigários do clero ou delegados das dioceses que coordenaram a participação dos padres dos respetivos presbitérios.

O simpósio que hoje começa é já o décimo. Há quase 30 anos, esta iniciativa que tem lugar em cada triénio, tem sido um espaço ímpar de encontro do clero de Portugal. Recordo que o primeiro teve lugar em 1993, tendo como tema: «Padres para este tempo» e o último realizou-se em 2018.

Esta edição deveria ter ocorrido em 2021 mas a situação pandémica obrigou a um adiamento. O tema, escolhido há já algum tempo, é: «Identidade relacional e ministério sinodal do presbítero». De facto, num momento em que toda a Igreja está envolvida num processo sinodal que culminará com a Sínodo

dos Bispos em Roma, no próximo ano, não poderíamos perder a oportunidade de refletir nas implicações desta renovação sinodal no exercício do ministério dos presbíteros.

Não podem restar dúvidas que a sinodalidade será a via mestra do futuro da Igreja. Ela ajudará a concretizar mais o espírito conciliar para que a missão da Igreja corresponda aos desafios do mundo contemporâneo. Para isso é necessário um novo estilo, novas linguagens e estruturas, como tantas vezes tem referido o Papa Francisco. Acima de tudo é fundamental uma nova atitude por parte de todos, assente na consciência de que é imperativo «caminhar juntos», em comunhão, participação e missão. Essa imensa e bela tarefa exige um envolvimento especial por parte de todo o clero.

O caminho sinodal que estamos a percorrer supõe disponibilidade para escutar o Povo de Deus, discernimento dos apelos do Espírito e abertura para uma verdadeira conversão pessoal e comunitária. Ao longo destes dias teremos oportunidade de refletir acerca da identidade do ministério sacerdotal e do seu exercício em chave sinodal. Será um contributo para uma renovação no estilo de ser padre hoje.

Se o tema do simpósio é aquele que acabei de referir e justificar, julgo que não podemos omitir o contexto difícil em que ele se realiza devido ao problema dos abusos por parte do clero. Não sendo o tema do simpósio, embora passível de ser referido nas várias intervenções, contudo não deixará de afetar o nosso estado de espírito que é de tristeza, dor e vergonha.

De acordo com as sábias orientações do Papa Francisco, este é o tempo de enfrentar o problema, de curar este mal, esta ferida profunda, um tempo de purificação. Para isso é preciso dar absoluta prioridade a escutar as vítimas, reconhecer o sofrimento que vive(ra)m e pedir perdão. É tempo de mudar de atitude: de uma cultura que negou ou desvalorizou o problema para uma atitude nova, preocupada em conhecer a sua real dimensão, perceber as suas causas e avaliar as suas consequências pessoais e comunitárias.

Pela minha parte, como presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, dado que estamos num encontro de clero, deixarei apenas umas breves notas:

1º Como pastores, além de cuidar das vítimas, precisamos de atender ao sofrimento e perplexidade que este problema tem gerado nos crentes. Sabemos que o Povo de Deus ama os seus pastores mesmo reconhecendo as suas fragilidades e fraquezas. É necessário ser dignos dessa confiança, preservando o laço que sempre deve unir clérigos e leigos, pastores e comunidades. Não podemos ser, como advertiu Jesus, motivo de escândalo para os mais pequeninos.

2º A conduta lamentável e criminosa de alguns clérigos não legitima que se instale um manto de suspeição sobre todos. A esmagadora maioria dos padres merece crédito e reconhecimento pelo seu trabalho ao serviço do Povo de Deus. A este título é admirável quer a fidelidade de muitos sacerdotes idosos, quer a coragem dos mais novos, nomeadamente aqueles que foram ordenados nestes últimos meses.

3º Esta crise, geradora de sofrimento no corpo eclesial, ajudará a perceber quem são os cristãos que nos momentos difíceis amam a Igreja e estão unidos a ela. De facto uma fé adulta e esclarecida é aquela que nos une a Cristo e insere na sua Igreja e não depende do comportamento de um padre. Os padres são educadores e testemunhas da fé, mas esta não pode cingir-se à pessoa, estilo ou capacidade comunicativa de um único padre por mais capaz que seja.

4º Não nos deixemos iludir, cair no desânimo ou vencer pelo pessimismo. Nesta crise não estão em causa os valores e princípios da Igreja porque estes assentam no Evangelho. Em causa está a infidelidade a esses princípios. Não está em causa a identidade e a missão dos presbíteros, mas a infidelidade aos compromissos livre e publicamente assumidos no dia da ordenação sacerdotal. Isso não significa que tudo possa ficar na mesma. Pelo contrário, esta crise evidenciou que precisamos de mudar, de fazer mais e melhor para levar a mensagem do Evangelho ao mundo e de repensar o modo de ser padre nos nossos dias.

5º Este momento que nos entristece e envergonha constitui um desafio ao clero. Lamentamos que alguns nossos irmãos tenham falhado gravemente aos seus deveres e pedimos a Deus que na sua misericórdia lhes perdoe, os ampare e converta o coração. O que não podemos é deixar que este problema crie divisões entre o clero. Em vez de intriga e maledicência é indispensável, nesta hora, reforçar a comunhão, a unidade e a fraternidade dos presbitérios.

6º Jesus ensinou que só a verdade liberta e a história milenar da Igreja mostra que nas crises germinaram grandes movimentos de renovação. Tenhamos fé porque no meio desta tempestade o Senhor não nos abandona. Essa certeza, porém, não nos dispensa de rezar nem de trabalhar, pessoal e coletivamente, para erradicar este grave problema.

A Comissão Episcopal contribuirá, na sua área específica, para promover uma cultura de prevenção, segurança e confiança. Nesse sentido já entregamos à presidência da Conferência Episcopal Portuguesa o projeto da nova *Ratio*, as orientações para a formação sacerdotal, que será apreciado na próxima assembleia. Este documento está a ser preparado há algum tempo e não foi suscitado pelo problema dos abusos. Ele constituirá um instrumento útil para atualizar a formação dos candidatos ao sacerdócio, nomeadamente no contexto dos seminários, de forma reforçar os critérios de admissão e a preparar melhor os futuros padres em todas as dimensões. O documento inclui ainda importantes capítulos relativos à fase inicial da entrada no presbitério e ao acompanhamento e formação permanente do clero.

Entregamos este simpósio à proteção de Maria, nossa Mãe e Senhora de Fátima, que nos acolhe na sua casa. Que ela guie o nosso caminho para sermos discípulos mais autênticos de seu Filho, Jesus Cristo.

Fátima, 29 de agosto de 2022

+ António Augusto de Oliveira Azevedo

Presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios